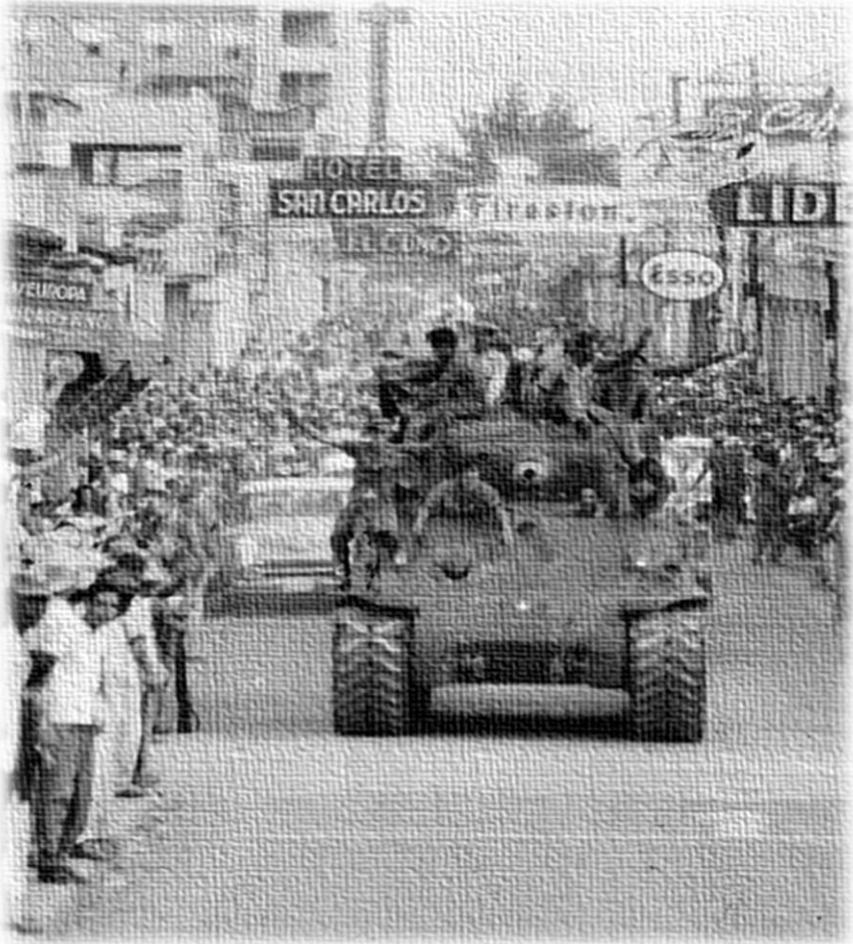


# *Espanha e o Anarquismo em Cuba*



*Carlos Manuel Estefanía*

Ladaia: espero que disfrutem desse material que venho tentando traduzir faz uma cara já; eu li e re-li um montão de vezes no intuito de encontrar possíveis erros de todos os gêneros seja ortográficos, de gramática, de significado de frases e expressões de lugares diferentes que falam espanhol entre outros, fora é claro os erros da edição anterior. Tive ajuda de compas de vários lugares que falam espanhol aqui na américa do sul e também de pesquisas na internet, e aqui esta o resultado desse pequeno vulto na nossa história dentro da segregada e por vezes mentirosa história mundial, sem mais palavras acadêmicas, boa leitura guerrerxs, Marichiweu !

Porto (nunca) Alegre, Primavera 2013 ou 1984?



Capa do periódico anarquista cubano El Productor

## **Espanha e o Anarquismo em Cuba**

Os libertários lutaram em Cuba contra toda sorte de regimes despóticos, e o de Batista não foi a exceção. Centenas de ácratas cubanos sofreram perseguição, tortura, morte e exílio por sua participação em ações de protesto, inclusive armadas, contra a ditadura. Entre os combatentes anti-batistianos se encontravam numerosos anarquistas: Boris Luis Santa Coloma (morto durante o ataque ao quartel Moncada), Miguel Rivas (desaparecido), Aquiles Iglesias e Barbeito Alvarez (exilados); assim como Isidro Moscú, Roberto Bretau, Manuel Gerona, Rafael Serra, Modesto Barbieto, Maria Pinar González, Dr. Pablo Madan, Plácido Méndez, Eulogio Reloba (e seus filhos), Abelardo Iglesias e Mario García (também com seus filhos primogênitos). Todos eles foram encarcerados, e em algum caso torturados, inclusive até a morte, como ocorreu com Isidro Moscú. Os anarquistas estiveram presentes também nas guerrilhas. Nas de Oriente participariam Gilberto Liman e Luis Linsuaín. Nas do Escanbray, uma das principais figuras foi Plácido Méndez. A luta urbana contou com o local da Associação Libertária de Havana como centro de reuniões conspiratórias, tanto para o 26 de Julho como para o Diretório Revolucionário.

### **A perspectiva libertária sobre a natureza da Revolução Cubana**

A princípio dos sessenta, a revista libertária argentina Reconstruir publicou uma série de artigos extraordinariamente reveladores sobre a revolução cubana. Tais textos constituem material de primeira mão para interpretar, desde uma perspectiva libertária, o processo sócio-político que levou ao derrocamento de Batista e compreender a essência do novo regime estabelecido. Destacam-se os trabalhos firmados por Justo Muriel, Gastón Leval, Augusto Souchy e especialmente os de Abelardo Iglesias, veterano da guerra civil espanhola e participante na luta anti-batistiana. Entre as referências especialmente importantes sobre o momento do triunfo revolucionário que nos oferece Iglesias, estão suas valorizações em torno dos lucros sindicais obtidos pelos operários cubanos (dos quais seriam privados por sua “revolução”) e uma “leitura” da apoteótica “Marcha sobre Havana” de Fidel. Para Iglesias não foi mais que uma comédia copiada da marcha de Mussolini sobre Roma. O custoso espetáculo, segundo Iglesias, não tinha sentido militar, o povo

cubano já havia se libertado de Batista. Aquela era uma simples cerimônia ostentadora do poder do novo mandachuva.

Os textos publicados por Reconstruir revelam o caráter policlassista, reformista e democrático que em suas origens teve a revolução cubana, assim como a ausência no processo, salvo em elementos muito isolados, do radical anti-norteamericanismo e do pró-sovietismo postos em voga por Fidel Castro depois de sentir-se firme no poder. O que se desprende destes artigos é que aquela não havia sido uma verdadeira revolução operário-campesina, e que tão pouco havia conduzido ao estabelecimento das liberdades civis, nem a criação de um sistema socialista; por trás dela se violavam os direitos humanos mais elementares e os trabalhadores do campo e da cidade continuavam alienados dos meios de produção, do mesmo modo ou pior do que haviam estado antes.

A pesar de haver transcorrido mais de 30 anos, desde que se publicaram, esses artigos mantêm grande vigência, particularmente as análises de Iglesias sobre o funcionamento da nova oligarquia governante, suas técnicas propagandistas, de coação e de mobilização massiva.

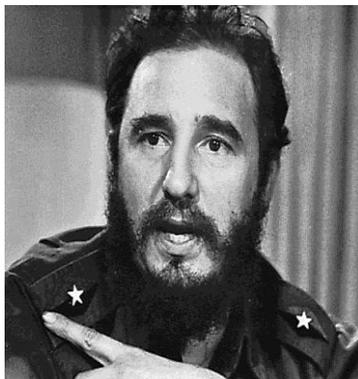
Desgraçadamente existe uma sisuda “cubanologia”, entrincheirada em certas universidades europeias e latino-americanas, que desconhece artigos como os da Reconstruir e outros trabalhos que detalham a desnaturalização estalinista sofrida pela revolução cubana. Um processo que se iniciou muito antes da confrontação (realmente provocada por Fidel Castro) com os Estados Unidos.

### **Nosso homem em Havana**

Os soviéticos descobriram muito a tempo em Fidel Castro um indivíduo com suficiente habilidade política como para atribuir-se a vitória revolucionária, que pertencia em realidade ao conjunto de diversas forças sociais que enfrentaram a Batista. A imagem burguesa e latifundiária do jovem Castro evitou que os cubanos suspeitassem o que ele mesmo chegou a declarar em 1961, que havia sido um marxista convencido (ainda que imaturo) desde os inícios da luta armada. Todas as suas ações e declarações políticas daquela etapa estiveram

encaminhadas a criar confusão sobre sua verdadeira ideologia. Houve quem o atribuiu concepções fascistas, outros anarquistas.

Na tramóia de tomar Castro por libertário caíram uns quantos, inclusive o chefe de propaganda do Partido Socialista Popular (partido dos estalinistas cubanos), Luis Mas Martin, quem tentou utilizar a Raúl Castro para influenciar Fidel. Mas Martin opinava ainda em 1959 que Fidel Castro era um anarquista, cujo ódio aos Estados Unidos o levaria a mãos do Partido (comunista), sobre tudo se os norte-americanos “seguiam atuando de maneira idiota” [Andrew]. É muito provável que os estrategistas soviéticos preferiram manter compartilhada a informação sobre seus planos para Cuba entre a nova mão direita (KGB) e a velha esquerda estalinista, que já estava introduzida na ilha desde os anos 20. Isto explicaria que tanto Mas Martin como outros dirigentes do PSP desconheciam os projetos soviéticos para a revolução cubana.



O primeiro governo revolucionário tinha aparência liberal. O presidente Manuel Urrutia, designado por Fidel Castro, havia defendido em sua condição de magistrado o direito de Fidel Castro a rebelar-se contra a ditadura de Batista, mas ao mesmo tempo era um opositor declarado ao imperialismo soviético, posição que compartilhava com numerosos militantes do 26 de Julho e das demais organizações revolucionárias. Estes creiam em Fidel, mas nem tanto em Raúl Castro e Ernesto Che Guevara, filosoviéticos declarados. Logo se demonstrou que aquele governo provisório não tinha verdadeiro poder. Aos poucos meses o presidente Urrutia foi obrigado a renunciar por uma manobra que ele mesmo denominou “o golpe de estado de 17 de Julho”.

### **Camilo Cienfuegos**

A penetração comunista foi denunciada pelo comandante Húber Matos, chefe militar de Camagüey, o que lhe custaria a acusação de traidor e ser condenado a 20 anos de prisão. É durante o processo contra Matos

quando desaparece Camilo Cienfuegos, segundo o regime, por causa de um “acidente de aéreo”. Mas existe outra versão: a que nos oferece em Reconstruir, o capitão Roberto Cárdenas, Chefe da Base Aérea de Camagüey no momento do desaparecimento. Cárdenas era amigo pessoal de Camilo, havia combatido contra a tirania de Batista na Coluna 14, na qual era chefe de sua seção de espionagem:

“Na realidade o que havia sucedido era que Camilo havia sido morto pelo próprio Fidel no Palácio Presidencial, aproximadamente às nove e meia da noite do 27 de outubro, dia que se celebrou a reunião para pedir o fuzilamento de Húber Matos. Pepita Riera encontrava-se presente no Palácio Presidencial durante a concentração onde as massas foram excitadas á pedir o fuzilamento de



Húber Matos. Falaram Fidel, Raúl e Almeida á multidão. Camilo não quis falar essa noite. Depois recriminou Raúl e disse que era vergonhoso incitar as massas a pedir o fuzilamento do comandante Matos, quem verdadeiramente não era culpado de nenhum delito.

Raúl respondeu cheio de ira insultantemente e Camilo disse em tom descomposto que se seguisse assim iria matá-lo ali mesmo. Há outra testemunha cujo nome não pode ser descoberto ainda, que presenciou a continuação desta discussão. Segundo ela as vozes foram subindo de tom, até que subitamente, se sentiu um disparo, e logo outro mais. Esta testemunha ouviu Raúl gritar: você o matou! . Isto sucedeu em uma das habitações do Palácio Presidencial, onde haviam se reunido. Depois chegou a nosso conhecimento que Fidel necessitou de assistência médica nessa noite, porque havia tido uma crise nervosa e estava histérico.” [Cárdenas].

Como oficial da Força Aérea Rebelde e experiente piloto, o capitão Cárdenas detectou uma série de incoerências na busca de Camilo e organizou uma investigação paralela. Que terminou com o avião de Camilo em uma propriedade situada a 25 milhas ao sudeste de

Camagüey, chamada La Larga. Ali estava a pequena aeronave, escondida de baixo de galhos de palmeira e com as insígnias cobertas de tinta branca. [Cárdenas].

Camilo foi uma das figuras cujo carisma e ideologia ambígua, unidos a cor rubro-negra do bracelete dos membros do 26 de julho, contribuiu para a confusão universal sobre a matriz libertária da revolução cubana. O autor teve a oportunidade de tratar do tema em maio de 1998, durante um encontro dos anarcosindicalistas suecos, com o ácrata napolitano Egno Carbone, quem citou um artigo do periódico libertário italiano Humanita Nuova onde se indicava Camilo Cienfuegos como o espírito libertário da revolução, e mencionava a possibilidade de que Fidel houvesse mandado matá-lo.

Segundo o colega Frank Fernández, consciencioso historiador do anarquismo cubano, não existe prova alguma de ideologia anarquista em Camilo, ainda que se saiba que seu pai militou nas filas libertárias durante a juventude. Por outro lado sabemos que o irmão de Camilo, Osmani, era membro do PSP antes da revolução e foi, até não faz muito, um dos dirigentes mais importantes do regime cubano. Conheceria as revelações de Roberto Cárdenas?

O que sim parece ser pelo que declara Roberto Cárdenas, é que Camilo, diferente de seu irmão, haveria constituído um obstáculo para a sovietação do país. Afirma o capitão Cárdenas, que já em 1958 alguns oficiais rebeldes haviam detectado as "tendências comunistóides" de Fidel Castro. Uma noite do mês de setembro de 1958 se celebrou uma reunião na fazenda de Cárdenas com a participação de Camilo. Ali se acordou que a primeira manifestação comunista de Fidel, os presentes fariam todo o possível para destruí-lo. [Cárdenas].

Desafortunadamente os acontecimentos se desenvolveram a tal velocidade que as forças antiestalinista da revolução não atinaram a deter a penetração, forjada de antemão pelos pró-soviéticos. Os setores político, econômico, ideológico e especialmente repressivo do aparato estatal foram tomados rapidamente pelos quadros comunistas. Quem se desse ao trabalho de visitar o Museu do Ministério do Interior -sito na Quinta Avenida e Quatorze, Miramar, Havana-, como fez o autor na

primavera de 1993, detectaria, pelas biografias inscritas nos pés dos retratos dos primeiros "mártires" do G-2, a majoritária pertinência á "segurança" dos membros do Partido Socialista Popular. Comparado com outras organizações, o PSP se destacou apenas na luta clandestina contra Batista. Foi por tanto desproporcionada a confiança que se depositou nos seus quadros à hora de reprimir os grupos de todo tipo - muitos de origem revolucionária- que se opuseram ao governo de Castro.

## **Espanha, aparta de mim esse cálice**

Não estava acontecendo nada de novo abaixo do sol; os anarquistas cubanos, que participaram como combatentes na guerra civil espanhola descobriram que estava se repetindo em Cuba, em maior escala que na Espanha, o modus operandi dos comunistas. Durante a guerra civil, os estalinistas, se amparando na luta antifascista, assim como no apoio econômico e de inteligência que a URSS ofereceu-lhes, conseguiram cotas de poder suficiente para aniquilar arteiramente a muitos antifranquistas. A decisão de prestar ajuda á Republica Espanhola foi tomada por Stalin em 31 de agosto de 1936, no curso de uma reunião do Politburo celebrada em Moscou. Desde então, o Komintern e seus diversos agentes, organizações secretas e de espionagem se prepararam para um maior compromisso militar. O 14 de setembro teve lugar numa reunião determinante, nada mais e nada menos que nos quartéis da tristemente célebre Lubianka, ao parecer na presença de Yagoda, chefe da policia secreta NKDV. Nela se decidiu organizar a ajuda militar direta de Rússia à Espanha -algum dia saberemos onde se efetuou a que fez o mesmo com Cuba-. Na reunião de então se atribuiu a NKDV a tarefa supervisionar os envios de armas e pessoal com destino a Espanha e se nomeou a "Alexander Orlov" (pseudônimo) como oficial superintendente [Johansson ...]. Este individuo seria a eminencia cinza encarregada de praticar na Espanha muitas das medidas repressivas que pouco mais de 20 anos depois aplicariam seus discípulos contra os anarquistas em Cuba.

Vale recordar aqui, a modo de exemplo, um dos casos repressivos estalinistas mais escandalosos na Espanha, o da aniquilação do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM). Este era uma organização

conformadas por uns 60.000 membros, que liderava Andreu Nin, antigo secretario de Trotsky em Moscú, que mantinha uma posição totalmente crítica ao estalinismo. Por certo, foi graças a influencia de Nin sobre o comunista cubano Sandalio Junco que nasceria o trotskismo em Cuba. Não é mera casualidade que Junco caíra uma década depois que seu mentor, também em mãos do stalinismo, baixo a disparos de um grupo em que participou Armando Acosta, entre outros. Acosta se converteria em assistente de Che durante sua incursão guerrilheira nas Vilas, e posteriormente presidente dos chamados Comitês de Defesa da Revolução.

## **Andreu Nin**

Voltando a Espanha. O prestígio de Nin o permitiu ocupar o cargo de ministro da justiça no governo Catalão, o que valeu ao POUM a crítica de Trotsky. Apesar dele o POUM não passou ao estalinismo, seguiu sendo um dos poucos grupos dentro da República que, junto a algumas publicações anarquistas, se atrevera a denunciar os processos de Moscú.

Os comunistas espanhóis e seus aliados internacionais, começaram uma forte campanha contra o POUM. O primeiro enlace foi expulsar Nin do governo Catalão em dezembro de 36. O ponto culminante foi seu arresto e desaparecimento. Os dirigentes do POUM foram acusados de fascistas. As perseguições e torturas foram levadas a cabo por comunistas estrangeiros, seguindo instruções de Orlov, quem insistia em que o governo espanhol não devia ter informações sobre o assunto. Enquanto, os socialistas e republicanos, compenetrados em sua luta contra Franco, apenas se deram por inteirados. Assassinado Nin, os homens de Orlov continuaram ativos, enquanto se formava um serviço de contraespionagem chamado SIM (Serviço de Investigação Militar), com a finalidade de limitar a atividade, entre outros, dos anarquistas. Ainda que ao princípio o SIM serviu com lealdade ao governo republicano – inclusive denunciou casos de funcionários russos que pretendiam atuar sem consultar com este–, terminou por transformar-se em uma polícia política dos comunistas. Hugh Thomas, historiador da guerra civil espanhola, cita-nos assim:

“Em todo caso o SIM logo começou a empregar os vis métodos de tortura da NKVD: se construiu celas de dimensões tão pequenas que apenas cabia nela um prisioneiro e o chão era de tijolos colocados de canto. Instalaram fortes luzes elétricas que produziam vertigem, ou se utilizavam ruídos ensurdecedores, ou banhos gelados, ferros candentes ou porretes. O SIM foi responsável do assassinato de vários recrutas do exército republicano, e não só dos covardes e ineficazes, se não que também daqueles que não estavam dispostos a seguir as ordens dos chefes comunistas” [Andrew].

Do mesmo modo que o estalinismo da Espanha quis fazer passar os militantes do POUM por agentes dos Nacionais, quiseram fazer passar os opositores de Castro, entre eles anarquistas e trotskistas, por aliados da reação ou agentes do Imperialismo. O recurso de identificar ao antiestalinista com as forças da “contrarrevolução” seria aplicado em Cuba, graças às “assessorias” de numerosos quadros formados durante a guerra civil espanhola, ou de filhos dos comunistas educados “Na pátria de Lenin”. Não devemos estranhar as semelhanças entre os meios de pressão utilizados nos cárceres de Cuba, segundo as testemunhas do novo presídio político cubano, e os que descrevem Hugh, como os dos cárceres do SIM na Espanha. Podemos chegar à conclusão de que a guerra civil espanhola aos estrategistas soviéticos como campo de experimentação, cujos resultados seriam aplicados infalivelmente na transformação em satélites dos países da Europa Oriental, e especialmente de Cuba (cujo contexto sociocultural aparentava com o espanhol).

Vejamos como se inicia o expediente cubano da KGB -descartando a versão de Salvador Díaz Verson de que Castro foi recrutado em 1948- : Em meados dos anos 50 os serviços de inteligência soviéticos tinham grandes dúvidas sobre a possibilidade de um poder comunista na América Latina, dada a enorme influência dos Estados Unidos no continente, a pesar de contar com a magnífica pedreira de espões que significavam os partidos comunistas, verdadeiros braços políticos da URSS. No continente, o partido comunista era capaz de desencadear uma revolução ou detê-la, segundo ela favorecera ou prejudicara os interesses da União Soviética na região.

O primeiro dentro da KGB em descobrir as potencialidades de Castro para os interesses regionais da URSS foi o jovem oficial hispanofalante da KGB Nikolay Sergeievich Leonov, situado em Cidade do México. Leonov havia conhecido Raúl Castro em 1951, por sua participação no Festival Internacional da Juventude em Viena. Este primeiro contato aconteceu no barco em que regressava da Europa o irmão de Fidel. Iniciara-se assim uma história que botaria no chão a mais fantástica das aventuras de James Bond, mas agora com um final de século contrário, o da vitória redonda da KGB sobre os serviços de inteligência ocidental.

Leonov frequentará a casa da famosa María Antoni -da que fala Ernesto Guevara em sua carta de despedida a Fidel Castro ante a aventura da Bolívia-. Nesse lugar, Leonov também se aliou a Ernesto Guevara, um “rebelde sem causa” argentino de vaga ideologia marxista, admirador de Mao, encantado por Nico Lopez e Raúl Castro -naquele momento estalinistas convictos e confessos- para o movimento armado. Guevara se encontrará posteriormente com Leonov na embaixada e nas instituições “culturais” soviéticas no México, e lá será munido do melhor da literatura soviética. (E com certeza de sua propaganda).

### **Ernesto Guevara, dando luz a Cienfuegos**

Conta Carlos Franqui que quando conheceu Guevara este lia as teses de Lênin explicadas por Stalin. Franqui o perguntou se havia lido o informe de Nikita Krushev ao XX Congresso do PCUS. Guevara respondeu que isso era “propaganda imperialista”. Do mesmo modo, Guevara manifestou ante outra testemunha que a revolução antiestalinista húngara não havia sido outra coisa que um motim fascista. Sem que poça afirmar-se que Che foi um agente profissional da KGB, não cabe dúvidas de que se converteu, junto a Raúl Castro, em um verdadeiro Cavalo de Tróia da penetração dos pró-soviéticos nas guerrilhas e a posterior tomada da Revolução Cubana pelos comunistas. Sendo mais um durante a preparação do Granma,



Guevara recebera a máxima qualificação, e será o aluno predileto do mestre durante os treinamentos militares que ofereceu Alberto Bayo, prestigioso oficial do exército republicano espanhol, aos expedicionários do Granma.

Já como comandante guerrilheiro, Guevara favoreceu na guerrilha aos quadros do PSP, entre eles figuras de destacada trajetória estalinista como Carlos Rafael Rodriguez e o já mencionado Armando Acosta, seu guerrilheiro assistente. Mas não só Guevara e Raúl tinham contatos diretos com o representante da KGB. Fidel Castro também se dirigiu a embaixada soviética em busca de ajuda militar para suas campanhas guerrilheiras contra Batista. Leonov começou a encontrar-se regularmente com ele, oferecendo-lhe todo seu apoio moral. Leonov teve em conta o total controle de Castro sobre o 26 de Julho, e o fato de seu irmão Raúl, e seu homem de confiança, o Che, já se considerarem verdadeiros marxista-leninistas.

O segundo momento crucial desta história ocorre em princípios de 59, quando o agente da KGB Alexander Alexeiev viaja a Cuba -com a cobertura de um periodista da agencia TASS- para entrevistar primeiro Guevara e logo o próprio Castro, a quem promete todo apoio necessário por parte da URSS. Em julho de 1959 Ramiro Valdés, chefe de inteligência de Castro, susteve um encontro clandestino no México com o embaixador soviético e o representante da KGB. Deste encontro nasceu o acordo de enviar mais de 100 conselheiros da KGB aos serviços de inteligência e a segurança de Castro. Esses conselheiros foram selecionados entre “as crianças”, era como se chamava os filhos dos comunistas espanhóis exilados na Rússia. Também foi enviado o veterano espanhol Enrique Líster Farjan, um dos chefes de propaganda do Partido Comunista espanhol e um dos mais implacáveis críticos das experiências libertárias durante a Guerra Civil espanhola.

### **Enrique Líster, à direita**

Em suas memórias, Líster definiu a revolução Anarquista de Aragón como uma “tirania inumana, que havia estabelecido o terror como instrumento de autoridade e crime organizado”. Entretanto, isso não foi impedimento para que o corresponda, em Cuba, a duvidosa glória de

haver sido o criador de um dos aparatos de repressão e vigilância coletiva mais efetivos de quantos alguma sociedade totalitária haja conhecido, os comitês de defesas da Revolução, colocados, como dissemos, no comando de Armando Acosta, um homem de provada fidelidade a causa da mãezinha Rússia.

Assim, os que haviam se enfrentado dentro do campo republicano durante a guerra civil espanhola: estalinistas e antiestalinistas voltaram a se encontrar em Cuba. O paradigma desse destino encontramos na história do intelectual republicano Antonio Ortega. Foi um homem que soube conjugar a formação científica e cultural com a de conselheiro de propaganda do Conselho de Astúrias, como representante do partido da esquerda republicana. Ortega se translada a Cuba na condição de exilado em meados de 1939. Em outubro é indicado a chefe de informação da prestigiosa revista Bohemia, que na direção de Miguel Ángel Quevedo começava a ter uma projeção continental. Antonio Ortega pode ser considerado como um dos melhores contistas dos vários que surgiram em Cuba naqueles anos, por isso foi convidado em 1945 a formar parte da fundação do Pen Club de Cuba. Em 1954 Bohemia, onde continuava exercendo o cargo de chefe de informação converteu-se na revista de idioma espanhol de maior tiragem no mundo e a de maior circulação na Espano-américa. Nesse mesmo ano a triunfante empresa editorial adquire a revista que se segue importante, Carteles, e Antonio Ortega é designado seu diretor. Como demonstração de repúdio a ditadura de Batista, Ortega se negou a participar nas atividades culturais organizadas pelas instituições oficiais.

A derrubada do regime batistiano foi celebrada por Carteles. Logo viria a decepção, diante da evidência de que em Cuba se estabeleceria um regime comunista. Nesta situação, o diretor da Bohemia -a revista que tão boa publicidade havia feito a guerrilha de Castro- propôs a Ortega ir-se do país para fundar na Venezuela, Bohemia Libre, e esse outra vez deveu seguir o caminho do exílio, fugindo agora do estalinismo cubano. Morreu pobre, mas livre em Caracas em 1970.

Outro caso similar foi o de Salvador Garcia, quem teve que exilar-se no México depois da revolução, precisamente a terra onde seu compatriota Alberto Bayo havia treinado Fidel Castro e seus homens. Salvador

Garcia ingressou nas juventudes libertárias quando era praticamente uma criança. Durante a guerra civil espanhola lutou até a caída da Catalunha. A maior parte de sua divisão foi parar num campo de concentração na França, onde se incorporou aos Maquis contra o exército de ocupação alemã. Mais tarde emigrou a Cuba, de onde sua esposa era originária, foi secretário da CNT espanhola durante muitos anos. Os acontecimentos cubanos o obrigaram a exilar-se na embaixada mexicana em 1963. Seu depoimento ao sair de Cuba constrói uma das críticas mais contundentes de quantas haja sido feitas por um anarquista espanhol contra o regime de Castro. A revista Reconstruir publicou uma entrevista com Salvador García, onde este relatava detalhadamente como uma nova classe administrava a produção, como se tecia a teia de aranha do estado totalitário, no qual qualquer queixa ou protesto eram tachados de contra-revolução. As críticas sobre os luxos dos técnicos soviéticos, a perda da capacidade aquisitiva em Cuba, outrora um dos países com melhor nível de vida, a merma dos direitos civis e sindicais, o fracasso das políticas sobre o açúcar e o mal chamado trabalho voluntário. Ainda que não perdesse as esperanças de uma rápida liberação, declarava sua intranquilidade ao respeito, pois “não é fácil um povo se liberar por si só”, e colocava como exemplo a continuidade da Espanha de Franco, a pesar de que o fascismo internacional já havia sido vencido nos campos de batalha.

Desgraçadamente, o regime de Fidel Castro superaria o de Franco por sua duração e falta de liberdades. Em uma mesa servida pela KGB, o anarquismo estava demais. Com o estabelecimento do poder absoluto de Fidel Castro, os anarquistas em Cuba só podiam ter uma garantia: a de que seus dias na ilha estavam contados.

Fontes:

Abelardo Iglesias, “Revolución y dictadura em Cuba”, Reconstruir 20/10/62, Buenos Aires, e Reconstruir, compilación de artículos, 1963 / “Apostillas al artículo de Alfredo Gómez”, em Guámgara Libertaria, Outono 1991.

Agrupación Sindicalista Libertaria, “Declaración de Principios”, La Habana, Junio 1960. Em Guámgara Libertaria, Verano 1990- Alfredo Gómez, “Los anarquistas cubanos o la mala consciencia del Anarquismo”, em Guámgara Libertaria, Verano 1981.

Anna Johanson, Annika Hjelm, Rebecka Bohlin, “Kuba urettföheltigt perspektiv” (Cuba desde uma perspectiva libertaria), emSyndikalisten, april 1998, Stockholm.

August Souchy, “Testimonios sobre la Revolución Cubana”, Reconstruir, Buenos Aires, dic. 1960.

Christopher Andrew, “La KGB desde adentro”, Nonnierr Fakta Bokförlag CAAB, Uddevallá 1991.

Frank Fernández, “The Anarchist & Liberty”, Monty Miller Press, 1987 / “Lucha Justa y necesaria”, oct. 1996, pp. 88-90 / Carta personal al autor, 5 de diciembre de 1997.

Gastón Leval, “El castro-comunismo no puede engañar a nadie”, Reconstruir 21 Nov-dic. 1962.

Hugh Thomas, “La Guerra Civil Española”, Tomo I, Grijalbo Mondadori, Barcelona 1995.

Jorge Domingo, Antonio Ortega, “De regreso”, La Gaceta de Cuba, 2. marzo/abril 1998, La Habana.

Justo Muriel, “Los cubanos y la libertad”, Reconstruir, 41, marzo/abril, 1961.

Paco Cabello, “A cien años de la independencia cubana ... el Papa em Cuba”. CNT febrero-abril 1998.

Roberto Cárdenas, “La muerte de Camilo Cienfuegos”, Reconstruir nov/dic. 1961.

Salvador Garcia, “En torno a la revolución cubana”, Reconstruir jul/ago. 1963.

Sam Dolgoff, Den Kubanska “Revolutionen –ur ett Kritisk Perspektiv” (A Revolução Cubana desde uma perspectiva crítica), Tryckeri AB Federativ, Stockholm, 1982.

\*Decidi de última não pôr essa página extra sobre o senhor Guevara, pois já foi falado demasiado sobre ele, não quis perder tempo dando novos títulos a ele (como machista, homofóbico, racista, assassino de crianças, comedor-de-pilha dos comunistas soviéticos etc), que me parece estão de acordo com sua história de vida. Então para aqueles que tem curiosidade de saber mais sobre sua outra cara, vou deixar uns sites (que provêm de testemunhas vivas e de livros) para que leiam:



<http://overdadeirocheguevara.blogspot.com.br/>

<http://cabecaforte.blogspot.com.br/2010/03/outra-face-de-che-guevara.html>

<http://mdiversidades.blogspot.com.br/2009/06/fatos-que-poucos-sabem-sobre-ernesto.html>

*Os libertários lutaram em Cuba contra toda sorte de regimes despóticos, e o de Batista não foi a exceção. Centenas de ácratas cubanos sofreram perseguição, tortura, morte e exílio por sua participação em ações de protesto, inclusive armadas, contra a ditadura. Entre os combatentes anti-batistianos se encontravam numerosos anarquistas: Boris Luis Santa Coloma (morto durante o ataque ao quartel Moncada), Miguel Rivas (desaparecido), Aquiles Iglesias e Barbeito Alvarez (exilados); assim como Isidro Moscú, Roberto Bretau, Manuel Gerona, Rafael Serra, Modesto Barbieta, Maria Pinar González, Dr. Pablo Madan, Plácido Méndez, Eulogio Reloba (e seus filhos), Abelardo Iglesias e Mario García (também com seus filhos primogênitos). Todos eles foram encarcerados, e em algum caso torturados, inclusive até a morte, como ocorreu com Isidro Moscú. Os anarquistas estiveram presentes também nas guerrilhas. Nas de Oriente participariam Gilberto Liman e Luis Linsuaín. Nas do Escanbray, uma das principais figuras foi Plácido Méndez. A luta urbana contou com o local da Associação Libertária de Havana como centro de reuniões conspiratórias, tanto para o 26 de Julho como para o Diretório Revolucionário.*

## *ALVORADA DO NADA*

edições livres

[alvoradadonada@riseup.net](mailto:alvoradadonada@riseup.net)

